



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS APLICADAS E EDUCAÇÃO (CCAIE)
LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

JORDÂNIA NAIARA DOS SANTOS LIMA

**BULLYING NA REDE PÚBLICA DE EDUCAÇÃO: UM ESTUDO NO MUNICÍPIO
DE MAMANGUAPE/PB**

MAMANGUAPE-PB

2022.2

JORDÂNIA NAIARA DOS SANTOS LIMA

**BULLYING NA REDE PÚBLICA DE EDUCAÇÃO: UM ESTUDO NO MUNICÍPIO
DE MAMANGUAPE/PB**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC),
apresentado ao Curso de Pedagogia, da
Universidade Federal da Paraíba, como
pré-requisito para obtenção do grau de
Licenciada em Pedagogia.

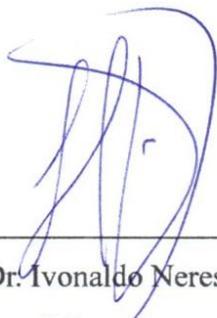
Orientador: Prof. Dr. Ivonaldo Neres Leite

MAMANGUAPE-PB

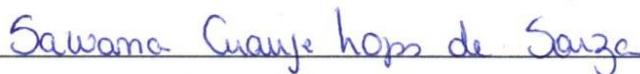
2022.2

**BULLYING NA REDE PÚBLICA DE EDUCAÇÃO: UM ESTUDO NO MUNICÍPIO
DE MAMANGUAPE/PB**

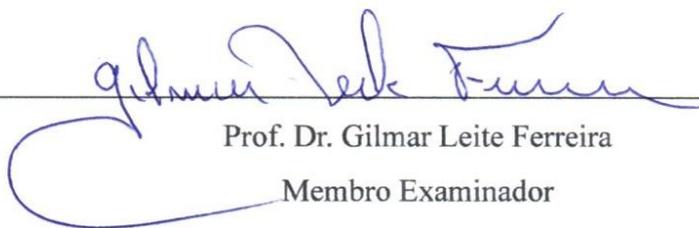
Trabalho de Conclusão de Curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Federal da Paraíba apresentado como parte dos requisitos necessários para a obtenção do grau de LICENCIADA EM PEDAGOGIA.



Prof. Dr. Ivonaldo Neres Leite
Orientador



Profª. Dra. Sawana Araújo Lopes de Souza
Membra Examinadora



Prof. Dr. Gilmar Leite Ferreira
Membro Examinador

MAMANGUAPE-PB

2022.2

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

L732b Lima, Jordania Naiara Dos Santos.

Bullying na rede pública de educação: um estudo no município de Mamanguape-pb / Jordania Naiara Dos Santos Lima. - Mamanguape, 2023.
49 f.

Orientação: Ivonaldo Leite.
TCC (Graduação) - UFPB/ccae.

1. Violência Escolar. 2. Bullying. 3. Estudante. 4. Professor. 5. Gestor Escolar. I. Leite, Ivonaldo. II. Título.

UFPB/CCAE

CDU 37.06 (043.2)

Elaborado por RAISSA CARNEIRO DE BRITO - CRB-CRB-15/611

*“Ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo, os homens se educam entre si,
mediatizados pelo mundo.”*

-Paulo Freire

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus por ter me ajudado a chegar até aqui, por não ter me deixado desistir mesmo em meio a tantos problemas que aconteceram na minha vida durante a graduação.

À minha mãe, Joelma, por ter sempre me incentivado a estudar, a buscar meus sonhos, a ser independente, ter sempre me mostrado a importância do estudo para a vida. Agradeço por ela ter sido forte, mesmo em meio a tantas adversidades, e ter criado eu e meu irmão sozinha com valores essenciais para a vida, e assim foi e é um exemplo de pessoa forte na nossa vida.

À minha família que sempre foi um porto seguro pra mim, em especial, agradeço a meus avós maternos, Francisca e João Soares, por nunca me abandonarem, por cuidarem de mim como uma filha, por serem pessoas tão valorosas e assim também serem exemplos de pessoas boas. E também a minha tia Elaine, por todo amor que sempre me deu, por ser mais que uma tia, ser uma amiga. E a minha bisavó, que perdi no meio da caminhada da graduação, por também ser um exemplo de mulher forte para mim.

Ao meu companheiro de vida, Antônio Neto, por todo apoio que me foi dado, por acreditar sempre na minha capacidade e me incentivar.

Agradeço a minha melhor amiga, minha irmã do coração, Isabelle, por ser uma grande incentivadora na minha vida, por me ouvir, por me ajudar, por me aconselhar.

À minha colega Suênia Tavares, que esteve junto comigo durante os quatro anos do Projeto de Pesquisa, passando muitos perrengues nas viagens das pesquisas.

Gostaria de expressar minha profunda gratidão ao meu orientador, Ivonaldo Leite. Sua orientação foi fundamental para o meu desenvolvimento acadêmico. Através de suas orientações, pude aprimorar minhas habilidades de pesquisa, expandir meu conhecimento e alcançar resultados que para mim são muito significativos. Agradeço sinceramente pelo tempo dedicado, pelas discussões enriquecedoras e por ter me dado a oportunidade de fazer parte do projeto de pesquisa durante esses quatro anos. Sua contribuição foi essencial para o meu crescimento como estudante e profissional, e sou imensamente grata por ter tido a oportunidade de contar com sua orientação.

Não poderia deixar de agradecer a todos os professores do curso e também aos professores que passaram pela minha vida que me inspiraram a ser uma professora. Agradeço especialmente à professora Maria Valdenice por ter me ouvido e me aconselhado, além de compartilhar seus conhecimentos comigo, e por ser tão humana e compreensiva.

À Universidade Federal da Paraíba e ao CCAE, por todo suporte dos profissionais envolvidos na formação dos discentes.

Por último, mas não menos importante, gostaria de fazer um agradecimento especial a mim mesma. Mesmo diante das adversidades ao longo do caminho, das quais não foram poucas, encontrei forças para me reerguer e recomeçar quantas vezes foram necessárias, seguindo em frente com determinação

Gratidão!

RESUMO

A violência escolar é um fenômeno preocupante que ocorre cotidianamente e tem impactos significativos na vida dos estudantes, professores e da comunidade escolar como um todo. Pode se manifestar de várias formas, incluindo agressões físicas, verbais, intimidação, discriminação, etc. O bullying é um tipo de violência escolar com conceituação específica, na medida em que ele corresponde à violência praticada entre estudantes, isto é, entre pares. Trata-se de um fenômeno que gera consequências não só às vítimas, mas também para os agressores e espectadores dos atos violentos. Este trabalho teve como objetivo geral descrever as perspectivas de alunos, professores e gestor de uma escola da rede estadual de ensino localizada em Mamanguape sobre o fenômeno bullying. Os objetivos específicos foram: 1) Identificar as ocorrências de bullying na Escola Umbelina Garcez. 2) Pesquisar a percepção dos alunos, professores e gestor da Escola Umbelina Garcez sobre o bullying. 3) Averiguar as ações da gestão escolar em função do fenômeno bullying. A metodologia foi fundamentada nos princípios da pesquisa qualitativa de natureza exploratória, foram realizadas entrevistas semiestruturadas com professores, alunos e o gestor da instituição. Do ponto de vista do referencial teórico, teve-se em atenção, por exemplo, formulações conceituais como violência *na* escola, violência *à* escola e violência *da* escola, conforme a elaboração de Bernard Charlot, assim como as categorias bullying direto e bullying indireto. Dentre outros achados da pesquisa, foi constatado que os casos de bullying afetam com maior frequência grupos minoritários, como homossexuais, obesos, estudantes com traços de timidez, etc. Verificou-se ainda que as medidas adotadas pela escola se circunscrevem aos casos de agressão física, e correspondem a suspensões temporárias das aulas e solicitação da presença dos pais na escola. Entre os elementos conclusivos, é enfatizado que não há um modo único de enfrentar o fenômeno bullying, mas é importante apostar em estratégias de mediação de conflito a partir das relações de sociabilidade e da persuasão junto aos estudantes.

Palavras-chave: Violência escolar; bullying; Cotidiano escolar.

ABSTRACT

School violence is a worrying phenomenon that occurs daily and has significant impacts on the lives of students, teachers and the school community as a whole. It can manifest itself in many ways, including physical and verbal aggression, intimidation, discrimination, etc. Bullying is a type of school violence with a specific conceptualisation, insofar as it corresponds to violence committed between students, that is, between peers. It is a phenomenon that generates consequences not only for the victims, but also for the aggressors and spectators of the violent acts. The general objective of this work was to describe the perspectives of students, teachers and manager of a state school located in Mamanguape on the phenomenon of bullying. The specific objectives were: 1) To identify the occurrences of bullying at Umbelina Garcez School; 2) To research the perceptions of students, teachers, and school administrators at Umbelina Garcez School about bullying; 3) To investigate the school management actions focused on bullying. To achieve such a purpose, methodologically, semi-structured interviews were conducted with teachers, students and the institution's manager. From the point of view of the theoretical framework, attention was paid, for example, to conceptual formulations such as violence at school, violence against school and violence perpetrated by the school (according to Bernard Charlot's elaboration), as well as the categories direct bullying and indirect bullying. Among other research findings, it was found that cases of bullying most often affect minority groups such as homosexuals, obese, shy students, etc. It was also found that the measures adopted by the school are limited to cases of physical aggression, and correspond to temporary suspensions from classes and requesting the presence of parents at school. Among the concluding elements, it is emphasized that there is no single way of facing the bullying phenomenon, but it is important to focus on conflict mediation strategies based on sociability relationships, as well as on persuasion towards students.

Keywords: school violence; bullying; daily school

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

CONEDU - Congresso Nacional de Educação

EJA - Educação de Jovens e Adultos

FIPED - Fórum Internacional de Pedagogia

PIBIC - Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica

PIP - Projeto de Intervenção Pedagógica

PI - Pedagogia Institucional

SENACEM - Seminário Nacional do Ensino Médio

TCC - Trabalho de Conclusão de Curso

UFPB - Universidade Federal da Paraíba

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	12
1.1 O ESCOPO DO ESTUDO.....	13
1.2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	13
1.3 ESTRUTURA DO TCC.....	14
2. VIOLÊNCIA E BULLYING NO COTIDIANO ESCOLAR: ABORDAGENS TEÓRICAS.....	16
2.1 VIOLÊNCIA E BULLYING.....	16
2.2 OS IMPACTOS DO BULLYING NA ESCOLA E NO PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM.....	20
3. VIOLÊNCIA E BULLYING NA NARRATIVA DOS SUJEITOS ESCOLARES: ACHADOS DA PESQUISA.....	25
3.1 CARACTERIZAÇÃO DO CAMPO EMPÍRICO DA PESQUISA.....	25
3.2 PERSPECTIVAS DOS PROFESSORES, ALUNO E GESTOR SOBRE O BULLYING NA ESCOLA.....	25
3.2.1 Professores.....	26
3.2.1.1 Tipos de bullying.....	26
3.2.1.2 Gênero mais envolvido.....	27
3.2.1.3 Espectadores.....	28
3.2.1.4 Possível resolução da problemática.....	29
3.2.2 Alunos.....	30
3.2.2.1 Definição de bullying.....	30
3.2.2.2 Envolvimento em situações de bullying.....	31
3.2.2.3 Cyberbullying.....	31
3.2.2.4 Possível interferências de problemas em casa afetarem o comportamento em outros lugares.....	32
3.2.2.5 Vítimas de bullying.....	33
3.2.2.6 Medidas tomadas pela escola sobre o bullying.....	34
3.2.2.7 Formas de prevenção e enfrentamento do bullying.....	35
3.2.3 Gestão.....	36
3.2.3.1 Possíveis fatores para o acontecimento de bullying.....	36

3.2.3.2 Definição de bullying pela equipe escolar.....	37
3.2.3.3 Bullying além da sala de aula.....	38
3.2.3.4 Prevenção combate do bullying.....	38
3.2.3.5 Gênero mais envolvido.....	39
3.2.3.6 Auxílio para o enfrentamento do bullying.....	39
3.3 INTERFERÊNCIAS ANALITICAS DOS RESULTADOS.....	40
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	42
5. REFERÊNCIAS.....	45
6. APÊNDICES.....	47

1. INTRODUÇÃO

Como graduanda do curso de Pedagogia, e participante como bolsista do *Projeto de Pesquisa Cotidiano Escolar: Violência e Bullying*, desde 2020, despertou em mim o interesse em pesquisar mais sobre o bullying na minha cidade de residência, Mamanguape-PB. Durante o PIBIC realizamos estudos sobre o bullying na cidade de Mamanguape, Rio Tinto, Marcação e Baía da Traição, buscando principalmente levantar dados sobre os tipos de bullying que mais ocorriam, como alunos e equipe escolar definiam o que era bullying, quais medidas eram tomadas quando havia ocorrência de bullying, etc. Com esses estudos desenvolvemos artigos acerca do bullying, os quais apresentamos em eventos como CONEDU¹, FIPED² e SENACEM³.

Neste sentido, o Projeto contribuiu para a minha formação acadêmica, para a academia, na produção de informações científicas, e para a sociedade, ao evidenciar essas situações de violência que ocorrem na escola com os alunos, que podem ter danos por toda a vida.

Durante as pesquisas do PIBIC, visitando escolas do Vale do Mamanguape, percebi que o bullying é um fenômeno complexo, que ocorre com muita frequência no ambiente escolar, mas que, por vezes, a equipe escolar não sabe como lidar, ou nem mesmo entende a gravidade do problema. Dessa forma, escolhi uma das escolas mais antigas da minha cidade, a Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Umbelina Garcez, que se localiza na zona urbana de Mamanguape-PB, para realizar a pesquisa de TCC.

Ao estudar o tema, relembrei minha trajetória escolar na cidade, e observei que, de fato, o bullying não é uma novidade nas escolas, ele sempre esteve presente no cotidiano escolar camuflado nas frases “brincadeira de mal gosto”, “isso é coisa de criança”, “isso é besteira”, “isso é implicância de adolescentes”, frases essas repetidas pela equipe escolar e por pais quando as vítimas procuravam ajuda.

¹ VII Congresso Nacional de Educação - VII CONEDU. O Cyberbullyng em Escolas Públicas do Vale do Mamanguape-PB. 2021.

² XII Fórum Internacional de Pedagogia - XII FIPED. Bullying sob a perspectiva docente: Um estudo em municípios do Vale do Mamanguape/PB. 2021.

³ VI Seminário Nacional do Ensino Médio e IV Encontro Nacional de Ensino e Interdisciplinaridade. Relato de Experiência: A formação do professor pesquisador através do PIBIC na UFPB. 2021.

1.1 - O escopo do estudo

O campo de estudo é a Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Umbelina Garcez, localizada na zona urbana da cidade de Mamanguape-PB, a 52 km da capital João Pessoa. Foi inaugurada no ano de 1961, com capacidade para 300 alunos da pré-escola, mas, com o passar dos anos, foram realizadas obras para aumentar a sua capacidade, e hoje atende o Ensino Fundamental Anos Finais, Ensino Médio e Educação de Jovens e Adultos. Recebe alunos não só da área urbana, mas também da zona rural, com idades diferentes.

O problema da pesquisa se estrutura através do seguinte questionamento: Como alunos, professores e gestão da Escola Estadual Umbelina Garcez se posicionam diante do fenômeno do bullying?

OBJETIVO GERAL:

- Descrever as perspectivas de alunos, professores e gestor da Escola Estadual Umbelina Garcez sobre o fenômeno bullying.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS:

- Identificar as ocorrências de bullying na Escola Umbelina Garcez.
- Pesquisar a percepção dos alunos, professores e gestor da Escola Umbelina Garcez sobre o bullying.
- Averiguar as ações da gestão escolar em função do fenômeno bullying.

1.2 - Procedimentos metodológicos

A pesquisa tem como fundamento metodológico os princípios da pesquisa qualitativa de natureza exploratória. Nesse sentido, foram realizadas entrevistas semiestruturadas com

seis alunos, dois discentes do sexo masculino e quatro do sexo feminino, todos os entrevistados são discentes do Ensino Médio; dois professores, um docente do sexo masculino que leciona a disciplina de História na escola e a docente do sexo feminino que leciona a disciplina de Língua Portuguesa; e a gestora da escola formada a 3 anos no curso de Pedagogia no Campus IV da UFPB. Os sujeitos da pesquisa foram identificados por nomes fictícios, os docentes entrevistados serão chamados de Paulo e Francisca, os discentes terão nomes de João, José, Maria, Joana, Sol e Ana, enquanto a gestora será mencionada pelo nome Alice.

Os dados obtidos foram analisados através da Análise Temática proposta por Braun e Clarke (2006), que tem como aspectos a busca por padrões, recursividade, flexibilidade, homogeneidade interna nas categorias/temas e heterogeneidade externa entre as categorias/temas. Pode ser utilizada tanto através de uma abordagem indutiva e baseada nos dados, bem como dedutiva ou teórica. A Análise Temática é composta por seis fases: 1) Familiarização com os dados; 2) Gerando códigos iniciais; 3) Buscando temas; 4) Revisando os temas; 5) Definindo e nomeando os temas; 6) Produzindo o relatório.

Analisando as entrevistas realizadas, buscamos por padrões para nomear os temas, e assim chegamos às seguintes categorias temáticas: Referente aos professores: a) Tipos de bullying; b) Gênero mais envolvido; c) Espectadores; d) Possível resolução da problemática. 2) Referente aos Alunos: a) Definição de bullying; b) Envolvimento em situações de bullying; c) Cyberbullying; d) Possível influência de problemas em casa afetarem o comportamento em outros lugares; e) Vítimas de bullying; f) Medidas tomadas pela escola sobre o bullying; g) Formas de prevenção e enfrentamento ao bullying. 3) Referente a Gestão: a) Possíveis fatores para a ocorrência de bullying; b) Definição de bullying pela equipe escolar; c) Bullying além da sala de aula; d) Prevenção e combate ao bullying; e) Gênero mais envolvido; f) Auxílio para enfrentamento do bullying.

1.3 – Estrutura do TCC

Além desta Introdução, que conta também como capítulo (o primeiro), o trabalho está organizado em mais dois capítulos. No capítulo Violência e bullying no cotidiano escolar: abordagens teóricas, buscou-se realçar uma revisão bibliográfica, enfocando a violência escolar – principalmente evidenciando como os sociólogos concebem a questão -, assim como também aborda o conceito de bullying, a sua ocorrência, seus tipos e personagens envolvidos, consequências no processo de ensino-aprendizagem, etc.

O capítulo Violência e bullying na narrativa dos sujeitos escolares: achados da pesquisa, refere-se à parte empírica em si do trabalho. Apresenta uma caracterização do contexto da pesquisa e trata da análise das entrevistas realizadas na escola com professores, alunos e gestor, assinalando também inferências analíticas dos resultados verificados.

2. VIOLÊNCIA E BULLYING NO COTIDIANO ESCOLAR: ABORDAGENS TEÓRICAS

2.1 – Violência e bullying

A frequência de notícias dos casos de violência no cotidiano escolar tem chamado a atenção da sociedade, sendo um desafio para a comunidade escolar.

As primeiras pesquisas acerca da violência no ambiente escolar foram na França, entre as décadas de sessenta e setenta do século XX. Em ordem macrosociológica, os temas abordados eram: indisciplina, desordem escolar, trotes, “bagunças” e rituais de sociabilidade, com interpretações influenciadas pelo sociólogo francês E. Durkheim (1858-1917). Mais tarde, na década de 1970, Pierre Bourdieu e Jean-Claude Passeron apresentaram suas contribuições, momento este também que o conceito de violência simbólica ganhou relevância social.

Bourdieu e Passeron argumentam que as violências simbólicas são uma forma de reprodução social, pois contribuem para a manutenção das desigualdades existentes na sociedade. No entanto, eles também apontam que as pessoas podem resistir e contestar essas violências, por meio da conscientização, da crítica e da luta por mudanças sociais. Um exemplo de violência simbólica é quando um determinado grupo é estigmatizado e inferiorizado por causa de sua classe social, etnia, gênero ou qualquer outra característica socialmente construída. Essa estigmatização é reforçada através de discursos, imagens, estereótipos e práticas que colocam esse grupo em uma posição de inferioridade e reforçam a hegemonia do grupo dominante. (ROSENDO, 2009)

Bernard Charlot divide as práticas agressivas em três tipos: a violência, que seria ataques contra a lei; a transgressão seria comportamentos que vão de encontro às regras da escola; e a incivilidade que se referia à quebra das regras da boa convivência.

Charlot (2002) pontua que a violência na escola não é um fato novo, o que há de novo são as formas da violência. Primeiramente, as formas de violência são mais graves, como: homicídios, estupros, agressões com armas e ataques a professores. Em segundo lugar, os indivíduos envolvidos nas situações violentas são cada vez mais jovens, adolescentes com idades entre 8 e 13 anos podem ser até mais violentos que alguns adultos, causando preocupação de como será o futuro dessas crianças e adolescentes quando adultos, se irão se tornar mais agressivos. Em terceiro lugar, está havendo um aumento do número de “intrusões

externas” na escola, tais como problemas ocorridos nos bairros, que os jovens tentam resolver dentro da escola de forma violenta, ou até mesmo familiares que entram na escola para vingar uma “injustiça” sofrida por um aluno, por parte de alguém da equipe escolar.

Segundo Charlot (2002), há três tipos de violência escolar: 1) Violência na escola, que se produz dentro do espaço escolar, mas sem estar ligada à natureza e às atividades da instituição escolar, quando entra na escola um problema externo e a escola se torna palco de uma violência que poderia acontecer em qualquer outro lugar. 2) Violência à escola, que está ligada à natureza e às atividades da instituição escolar, na qual há danos à estrutura física da escola, e professores são agredidos. 3) Violência da escola, que é a violência institucional, simbólica, que os próprios jovens suportam através da maneira como a instituição e seus agentes os tratam.

Um dos fenômenos que têm marcado os casos de violência nas escolas é o bullying. De acordo com Fante (2005) e Olweus (2004, apud GONÇALVES; ANDRADE, 2015, p. 53), bullying é uma palavra técnica da psicologia anglo-saxônica que, vindo do inglês *bully*, significa valentão, tirano e que, com o verbo, significa tiranizar, amedrontar. Para Melo (2010), o bullying é uma forma de violência intencional entre pares de forma direta, na qual envolve violência física e verbal, e de forma indireta, que é a violência psicológica, na qual os traumas podem ser marcantes como o desinteresse pelos estudos, o déficit de concentração e aprendizagem.

Assim sendo, a violência escolar desse tipo se configura como um comportamento que busca humilhar, coagir, desonrar e menosprezar o outro. É importante distinguir entre incidentes ocasionais e não graves de maus tratos e aqueles que são habituais e graves. Quando um comportamento ocorre repetidamente ao longo de um período prolongado, dificultando a defesa da vítima, ele se caracteriza como uma conduta planejada e prejudicial.

Conforme Melo (2010), o bullying é classificado em direto, que compreende o bullying verbal, sendo este uma forma de violência simbólica, pois envolve o uso de palavras ofensivas, insultos, apelidos humilhantes, zombarias e comentários depreciativos para prejudicar emocionalmente a vítima, podendo ser tão prejudicial quanto outras formas mais óbvias de violência; e o bullying físico, que se refere a agressões físicas diretas, como empurrões, socos, chutes, beliscões, puxões de cabelo e qualquer outra forma de violência física com o objetivo de causar dor ou ferimentos à vítima. O bullying indireto envolve a exclusão, isolamento, espalhar rumores, fofocas e fazer com que a vítima seja ignorada ou

rejeitada pelos outros. Esse tipo de bullying prejudica a reputação e as relações sociais da vítima.

A especificidade da tipologia das formas de bullying revela outras manifestações suas. Por exemplo, o bullying psicológico envolve o uso de táticas e comportamentos intencionais para prejudicar emocionalmente e mentalmente a vítima. Pode ser expresso por meio de ações repetitivas, como ridicularização, insultos, ameaças, exclusão, disseminação de boatos ou fofocas maliciosas. Mina a autoestima, a confiança e o bem-estar emocional da vítima. O bullying psicológico geralmente ocorre de maneira sutil e indireta, tornando-se difícil de ser detectado pelos observadores e, às vezes, até pela própria vítima. Algumas características do bullying psicológico são manipulação emocional e isolamento social.

Outra manifestação do fenômeno é o cyberbullying, e ocorre por meio de plataformas digitais, como redes sociais, mensagens de texto, e-mails e fóruns online. Inclui o envio de ameaças, mensagens ofensivas, disseminação de boatos, exposição de informações pessoais, criação de perfis falsos e compartilhamento de conteúdo humilhante.

Por sua vez, o bullying moral é caracterizado pelo uso de comportamentos cruéis e ofensivos para atacar os valores, a ética e a integridade da vítima. Envolve a ridicularização, o menosprezo ou a humilhação com base em características morais, religiosas, culturais ou étnicas da pessoa. Procura desacreditar a vítima, prejudicar sua reputação e violar seus princípios fundamentais. Algumas características do bullying moral são o desrespeito aos valores da vítima e a discriminação.

Cabe registrar também a existência do bullying sexual, que diz respeito a comportamentos de natureza indesejada pela vítima, comentários em modo de assédio, toques indevidos, etc.

Esses tipos de bullying, muitas vezes, têm características similares e podem até se confundirem, mas possuem dimensões que os distinguem. Seja como for, lhes é comum o potencial de causar sérios danos às vítimas.

Os personagens dos casos de bullying são classificados em: vítima típica, que serve de bode expiatório para um dado grupo, apresenta um aspecto físico mais frágil, e possui conduta habitual não-agressiva; vítima provocadora, responsável por provocar e atrair reações agressivas contra as quais não consegue lidar com eficiência; vítima agressora, aquela que

reproduz os maus-tratos sofridos; agressor, sujeito que vitimiza os mais fracos, é considerado malvado, duro e mostra pouca simpatia para com suas vítimas; espectador, aluno que presencia o ato de bullying, porém não o sofre nem o pratica, e representa a grande maioria dos alunos que convive com o problema e adota a lei do silêncio por temer se transformar no novo alvo do agressor (MELO, 2010).

Problemáticas envolvendo o bullying afetam tanto indivíduos do sexo masculino quanto feminino, todavia, é possível perceber determinadas especificidades que se apresentam de acordo com o gênero: numa parte significativa dos casos, as meninas costumam estar envolvidas com o bullying indireto, enquanto os meninos tendem a se envolver mais com o bullying direto (MATOS e GONÇALVES, 2009).

De acordo com Melo (2010), o bullying sempre esteve presente no cotidiano escolar, o que há de novo é o estudo sistematizado, pois foi a partir da década de 1970 que os pesquisadores e governos começaram a olhar para o fenômeno bullying numa perspectiva científica, e assim tomando medidas de combate aos efeitos maléficos provocados por esse fenômeno. No Brasil, o estudo sobre o bullying iniciou-se apenas na década de 1990.

Na sociedade atual, com tantas diferenças explícitas no ambiente escolar, aumenta a possibilidade de conflito entre os indivíduos, emergindo então desafios para docentes e gestores, pois, na maioria dos casos, lhes falta base para enfrentar os problemas. É necessário entender o fenômeno bullying, e buscar formas eficazes de gerir os conflitos, visto que a educação é essencial na formação do indivíduo para a cidadania.

Infelizmente, o Brasil enfrenta desafios significativos relacionados à violência escolar. Casos de violência escolar podem variar em gravidade e manifestação, incluindo agressões físicas, bullying, assédio moral, discriminação, violência sexual, entre outros.

Existem alguns casos emblemáticos que ganharam destaque na mídia nos últimos anos. Por exemplo, Massacre de Realengo (2011): Um ex-aluno entrou em uma escola municipal no Rio de Janeiro e abriu fogo contra os estudantes, resultando na morte de 12 crianças. Massacre de Suzano (2019): Dois ex-alunos invadiram uma escola em Suzano, São Paulo, e realizaram um ataque violento, resultando em 8 mortes, incluindo estudantes e funcionários da escola. Caso de bullying em Novo Hamburgo (2017): Um adolescente foi brutalmente agredido por colegas de escola em Novo Hamburgo, no Rio Grande do Sul. O caso ganhou atenção da mídia e levantou discussões sobre bullying e violência escolar.

Casos de bullying e agressões físicas são recorrentes em escolas brasileiras. Esses casos podem variar em gravidade e frequência, afetando a saúde física e emocional dos estudantes envolvidos.

A violência escolar é uma preocupação em todo o Brasil, e no estado da Paraíba há casos que foram noticiados na mídia, como: Adolescente foi apreendida suspeita de esfaquear colega de escola de 16 anos com aproximadamente cinco punhaladas, o caso aconteceu dentro na Escola de Ensino Fundamental Cônego Bernardo, no Centro da cidade em Coremas (2023). Assassinato do estudante João Vitor Fontes da Silva, que aconteceu no dia 1º de junho, dentro da Escola Cidadã Integral Cineasta Linduarte Noronha, no bairro de Gramame, em João Pessoa (2022). Um aluno foi esfaqueado por um colega em uma escola municipal da cidade de Campina Grande, agreste paraibano, a ação aconteceu no colégio Roberto Simonsen, no bairro São José, a vítima de 14 anos, estava indo tomar água e foi surpreendido pelo colega, também adolescente, atingindo o colega no braço (2019). Uma adolescente de 15 anos foi espancada dentro de na Escola Estadual Francisco Carlos Vasconcelos, no bairro da Estação, no município de Sousa, duas mulheres teriam lhe empurrado no chão e passaram a espancá-la com socos e pontapés, o motivo seria ciúmes de um suposto relacionamento entre a vítima e o namorado de uma das agressoras (2012).

É importante destacar que esses casos representam apenas alguns exemplos, entre muitos outros incidentes, de violência escolar que ocorrem no Brasil. A violência nas escolas é um problema complexo e multifacetado, influenciado por diversos fatores, como desigualdades socioeconômicas, problemas familiares, falta de políticas efetivas de prevenção e intervenção, entre outros.

As autoridades governamentais, educadores, pais e a sociedade em geral têm a responsabilidade de trabalhar juntos para combater a violência escolar, implementando medidas de prevenção, promovendo um ambiente escolar seguro e acolhedor, oferecendo suporte às vítimas e implementando políticas e programas efetivos para lidar com essas questões.

2.2 – Os impactos do bullying na Escola e no processo de ensino-aprendizagem

O fenômeno bullying acontece com frequência no ambiente escolar, principalmente na Educação Básica, podendo ocasionar desestímulo dos estudantes que são vítimas. Por vezes, levando-os a comportamentos extremos, em casos que não têm acompanhamento de

um profissional ou especialista. Os autores de bullying têm uma hierarquia de valores invertida, para eles o que importa é ser o "garanhão", ser o "bom" da turma, valores como empatia, humildade e tolerância ao diferente não têm importância. (GONÇALVES; ANDRADE, 2015)

Na maioria dos casos, os alvos são indivíduos que se diferenciam do padrão estabelecido, mas isso não é uma regra, nem toda pessoa de baixa estatura, negra ou usuária de óculos se torna vítima de bullying. Uma outra característica importante do bullying é a simetria de poder, ou seja, é uma violência que ocorre apenas entre pares, que ninguém tem mais autoridade ou poder sobre o outro. Pontua-se também a necessidade do oxigênio dessa agressão, que é o público que ri, que dificilmente se indigna com a situação, que pensa: "É melhor que mexam com ele e não comigo".

O bullying pode ter relação de intimidação com o preconceito, como conclui Deborah Antunes e Antônio Zuin:

O bullying, tal como conceituado, não é, de maneira alguma, uma simples manifestação da violência sem qualquer fator determinante. Na verdade, o bullying se aproxima do conceito de preconceito, principalmente quando se reflete sobre os fatores sociais que determinam os grupos-alvos e sobre os indicativos da função psíquica para aqueles considerados como agressores. (ANTUNES; ZUIN, 2008, p. 36)

Essa forma específica de violência é potencializada por valores presentes na atualidade que evocam ter virilidade, força física e um "corpo bonito"; estar na moda; ser famoso. Para o bullying acontecer depende de como o sujeito se vê na relação com o outro e como o outro se sensibiliza e avalia os valores morais na relação com o outro.

Por vezes, o educador não sabe as características que deveria observar nas relações que poderiam caracterizar-se como bullying, considerando-as apenas como uma "simples brincadeira". Com isso, há na escola professores que não conhecem o fenômeno, suas características e intervenções docentes, que comumente transferem o problema para terceiros (orientadores, coordenadores e diretores), pais e os próprios alunos.

Segundo Tognetta e Rosário (2013), apesar de o bullying representar um perigo, não deve ser tratado como crime, mas sim como um problema moral, visto que é uma violência e ausência de respeito.

É necessário diferenciar violência em geral de bullying. Este deve ser entendido como um tipo de violência entre pares (estudantes), correspondendo a comportamentos agressivos repetitivos por parte de um agressor ou grupo de agressores contra uma vítima.

Em síntese, como consequência, Fante (2005) destaca que, após o indivíduo passar por agressões de bullying, pode ser desencadeado um elevado índice de estresse; compromete-se a sua autodefesa e o seu desenvolvimento socioemocional.

As consequências da vitimização do bullying são graves e têm um impacto significativo no nível cognitivo e na saúde das vítimas. Estudos revelam que, no aspecto cognitivo, as consequências incluem perda de concentração, redução do desempenho intelectual e dificuldades de aprendizagem. Além disso, o bullying pode levar ao absentismo e à evasão escolar, contribuindo para o desinteresse pelos estudos e, conseqüentemente, para a reprovação.

No âmbito da saúde, o bullying pode ter efeitos adversos abrangentes. Fragiliza o sistema imunológico e pode manifestar-se clinicamente através de sintomas como náuseas, tonturas, ânsia de vômito, dores epigástricas, taquicardia, dores musculares e tensão, distúrbios do sono (insônia ou excesso de sono), pesadelos e alterações no apetite, entre outros. Além disso, o bullying pode contribuir para o desenvolvimento de doenças psicossomáticas, como gastrite, úlceras, anorexia e bulimia, e afetar o funcionamento de órgãos e sistemas do corpo. (MELO, 2010)

Essas consequências demonstram a seriedade do impacto do bullying na vida das vítimas, afetando negativamente seu desempenho acadêmico, bem-estar emocional e saúde física. É essencial reconhecer tais efeitos e adotar medidas eficazes para prevenir e combater o bullying, garantindo um ambiente escolar seguro, saudável e acolhedor para todos os alunos.

Quando ocorrido na escola, o sofrimento é mais intenso, pois, segundo Constantini (2004, p. 74, apud GONÇALVES; ANDRADE, 2015, p. 119), fora de seus muros, um jovem que sofre intimidação pode escolher trocar de grupo ou companhia, mas dentro da sala de aula é obrigado a conviver com seus companheiros durante todo o percurso escolar. O bullying é um fenômeno brutal, pois quebra a formação da identidade das crianças e dos adolescentes. (TOGNETTA; ROSÁRIO, 2013)

Leme (2011) compreende que a intervenção adulta é necessária, principalmente em faixa etária inferior aos dez anos, pois a menor maturidade limita sua capacidade de coordenar várias informações ao mesmo tempo, necessárias na resolução de conflitos. Mas é necessário entender que a atenção não deve ser dirigida apenas ao agredido e ao agressor, é preciso considerar também a plateia, que atribui valor ao bullying, principalmente quando essa plateia é ativa, e empodera o(s) autor(es) sorrindo ou zombando.

Segundo Miranda (2011), no Brasil, docentes acreditam que a intervenção frente ao bullying deve ser feita, de modo geral, através de punições, com isso, é possível observar o alto grau de omissão por parte das escolas, utilizando a justificativa de que o Estatuto da Criança e do Adolescente retirou a autonomia da escola e da equipe escolar para resolverem seus problemas internos de convivência. Com isso passam a culpabilizar a família por não educar seus jovens para a convivência. Ademais, familiares agindo pelo senso comum eximem-se de intervir.

Para Andrade (2007), existe um julgamento equivocado por parte dos docentes que deve ser superado, pois atribuem comportamentos violentos à falta de educação doméstica ou à desestruturação familiar. Dessa forma, naturaliza-se a violência na sociedade. A respeito da naturalização da violência, Chauí (2011) enfatiza que:

O processo de naturalização da violência no Brasil remete ao “mito da não-violência”, alegoria por meio da qual busca explicar o que define como nossa ideologia fundadora: assentada sobre a afirmação de que não somos um povo violento, mas sim, alegre, hospitaleiro, pacífico, generoso e desprovido de todos os tipos de preconceitos, crenças que tanto permite interpretar a violência como esporádica, e não como constitutiva da sociedade brasileira, como também obstaculiza a percepção de sua ocorrência, naturalizando-a mesmo sob o convívio cotidiano como uma violência real e sistemática. (CHAUÍ, 2011, p. 345 apud PEREIRA, 2022, p. 118)

Embora os efeitos trágicos do bullying possam ser avassaladores, é possível superar os traumas, desde que haja um nível adequado de resiliência em cada vítima e acompanhamento especializado. A resiliência é evidenciada pela disposição psicossocial, pela capacidade de se relacionar socialmente, consigo mesma e, especialmente, com a família e a sociedade em geral.

A resiliência desempenha um papel crucial na recuperação das vítimas de bullying. Ela permite que elas enfrentem e se adaptem às adversidades, encontrando formas saudáveis de lidar com o trauma. Ter uma base sólida de apoio familiar é fundamental para fortalecer a

resiliência de uma pessoa, assim como uma rede de interação social. O suporte emocional, a compreensão e o encorajamento dos familiares podem ajudar na reconstrução da autoconfiança e no desenvolvimento de estratégias de enfrentamento eficazes.

Além disso, a capacidade de se relacionar socialmente também desempenha um papel importante na superação do bullying. Construir relacionamentos saudáveis e de apoio com colegas, amigos e membros da comunidade pode ajudar as vítimas a restaurar sua confiança e senso de pertencimento.

Embora a superação dos traumas do bullying possa ser um processo desafiador, é encorajador saber que, com a resiliência adequada e o apoio necessário, é possível se recuperar e reconstruir uma vida saudável e feliz. É fundamental promover a conscientização sobre o bullying, implementar estratégias de prevenção e oferecer apoio adequado às vítimas, garantindo que elas tenham acesso aos recursos necessários para superar os impactos negativos da violência escolar.

Pereira (2022) aponta como possível alternativa para a prevenção e enfrentamento do bullying e da violência no contexto escolar, a mediação de conflitos, onde os professores atuam como intérpretes e mediadores de sentido, com uma concepção de justiça mediada pelo diálogo.

3. VIOLÊNCIA E BULLYING NA NARRATIVA DOS SUJEITOS ESCOLARES: ACHADOS DA PESQUISA

3.1 – Caracterização do campo empírico da pesquisa

A escola que é objeto do presente estudo é a EEEFM Umbelina Garcez, instituição pública de ensino que recebe alunos de uma faixa-etária num mesmo patamar de nivelamento. No período diurno, atende o Ensino Fundamental Anos Finais e no noturno, a EJA. Está localizada no centro do município de Mamanguape-PB, cidade situada a 52 km de distância da capital João Pessoa. Recebe alunos de todos os bairros e também alunos que têm residência na zona rural. A pesquisa toma como referência os dados coletados no período de 2020 a 2023, período este em que eu estive no Projeto de Iniciação Científica.

No período da pesquisa, a escola estava funcionando provisoriamente nas instalações da Escola Técnica da cidade, devido a reforma. No momento as instalações ainda são improvisadas, mas o prédio da escola conta com biblioteca, laboratório de informática, pátio coberto, quadra de esportes coberta, refeitório, banheiros adaptados ao uso de alunos com deficiência física.

A Escola Umbelina Garcez é uma das escolas mais antigas do município, está há 63 anos em atividade, passou por modificações ao longo dos anos, inicialmente atendia o Ensino Infantil, depois passou a atender também o Ensino Fundamental. Com o passar dos anos, foram necessárias mais modificações na estrutura da escola para atender o Ensino Fundamental Anos Finais, o Ensino Médio e a Educação de Jovens e Adultos.

3.2 – Perspectivas de professores, alunos e gestão sobre bullying na Escola

Com base na análise das entrevistas conduzidas com os alunos, professores e a gestora da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Umbelina Garcez, observa-se que os casos de bullying são frequentes no ambiente escolar. Através da análise das entrevistas, foram identificados pontos relevantes que contribuem para uma melhor compreensão dos acontecimentos na escola, por meio dos relatos dos entrevistados. Torna-se evidente que existem diferentes perspectivas e abordagens em relação ao assunto, o que amplia a importância de uma reflexão mais aprofundada.

A pesquisa baseou-se em uma abordagem metodológica fundamentada nos princípios da pesquisa qualitativa de natureza exploratória. Para isso, foram conduzidas entrevistas semiestruturadas com um total de nove participantes, sendo dois alunos do sexo masculino, quatro alunas do sexo feminino, um professor, uma professora, e a gestora da escola. Todos os sujeitos da pesquisa foram identificados por nomes fictícios, visando preservar sua privacidade e confidencialidade.

Os dados obtidos foram analisados através da Análise Temática proposta por Braun e Clarke (2006) chegando às seguintes categorias temáticas: Referente aos professores: a) Tipos de bullying; b) Gênero mais envolvido; c) Espectadores; d) Possível resolução da problemática. 2) Referente aos Alunos: a) Definição de bullying; b) Envolvimento em situações de bullying; c) Cyberbullying; d) Possível influência de problemas em casa afetarem o comportamento em outros lugares; e) Vítimas de bullying; f) Medidas tomadas pela escola sobre o bullying; g) Formas de prevenção e enfrentamento ao bullying. 3) Referente a Gestão: a) Possíveis fatores para a ocorrência de bullying; b) Definição de bullying pela equipe escolar; c) Bullying além da sala de aula; d) Prevenção e combate ao bullying; e) Gênero mais envolvido; f) Auxílio para enfrentamento do bullying.

3.2.1 – Professores

3.2.1.1 - Tipos de bullying

Nas entrevistas realizadas para a pesquisa, foi relatado pelos docentes que os tipos de bullying mais frequentes são o verbal e o psicológico, tendo sido o verbal mencionado pelos dois professores entrevistados e o psicológico pela discente Francisca. Em situações nas quais os casos são percebidos, os educadores notaram que o bullying está constantemente relacionado à cor da pele, sexualidade, comportamento passivo, pobreza e forma física:

Na questão dos meninos, pela sociedade machista, nós temos o bullying em relação à sexualidade. E em relação às meninas é uma questão de poder aquisitivo: a menina não se vestir tão bem e não ter o mesmo poder aquisitivo da outra faz com que acabe virando motivo de chacota na sala. (Paulo)

Os meninos são “gordo”, “bolota”, “neguinho”, questão racial e de beleza, o bullying verbal. E as meninas também, mas existe um “porém”, existem as colegas que não gostam daquela menina e vão deixando ela de lado discriminando não só de palavra mais de psicológico de atitudes, ficando só aquele grupinho olhando de lado para essa menina, vai deixando ela de lado, e excluindo. (Francisca)

Em relação à frequência dos relatos de bullying por parte dos alunos, os dois professores da Escola afirmaram haver poucos ou raros relatos.

No que tange aos tipos de bullying mais percebidos em ambiente escolar pelos docentes, o verbal parece ser praticado com maior frequência entre estudantes tanto do Ensino Fundamental quanto do Ensino Médio, tendo sido citado pelos dois professores entrevistados. O bullying psicológico, por sua vez, também foi citado por um dos entrevistados. Todavia, apesar de não mencionar quando questionado, relatos do professor Paulo, indiretamente apontam a incidência de outras formas de bullying como o físico, o psicológico e moral.

3.2.1.2 - Gênero mais envolvido

Com base nos resultados das entrevistas, os dois gêneros são citados, mas com algumas características específicas, consideradas meninas mais suscetíveis a serem vítimas de meninos e meninas, principalmente atacando o psicológico delas e os meninos sendo mais violentos.

Eu creio que a menina está mais suscetível a esse tipo de fato, mas os dois gêneros são afetados. Eu penso que a menina está mais suscetível, mas o caso do menino aparece mais, porque ele parte mais rápido para a agressão. (Paulo)

Envolve mais meninos para meninas, os meninos gostam mais de praticar contra a menina. Eles veem fragilidade nas meninas, sabem o ponto fraco das meninas, na maioria das vezes é isso. Eles buscam as pessoas mais vulneráveis, buscam o ponto fraco, quando eles percebem que aquilo perturba a pessoa eles usam. (Francisca)

As meninas são citadas como gênero mais envolvido por ambos os professores entrevistados, porém, o professor Paulo admite que o menino é o principal agente da violência física e a professora Francisca reitera que o gênero masculino assume com maior frequência o papel de agressor contra o gênero feminino.

De acordo com Matos e Gonçalves (2009) tanto meninos quanto meninas podem ser afetados por problemas relacionados ao bullying. No entanto, é possível identificar certas especificidades de acordo com o gênero. Em muitos casos, observa-se que as meninas estão mais envolvidas com formas indiretas de bullying, enquanto os meninos tendem a se envolver mais em casos de bullying direto.

3.2.1.3 - Espectadores

A partir da percepção dos docentes, a reação dos alunos em casos de bullying é variada, tendo em conta que alguns alunos se manifestam contra o bullying de forma veemente, enquanto outros demonstram indiferença. Também são citados casos em que os alunos aproveitam a oportunidade para reproduzir o comportamento de bullying ou demonstrar divertimento.

Existem pessoas que decidem um lado, outras pessoas têm tendência natural para o outro, então falam de “mi-mi-mi”, que a pessoa deveria ter mais autoestima e acham que não tem nada a ver. E isso se reflete na sala de aula, nós vamos ter o aluno que vai se compadecer e vai ter uma prática diferenciada. E nós vamos ter o aluno que vai voltar a fazer o mesmo ato, vai continuar tratando o colega de forma pejorativa, vai aproveitar para esculachar, vai aproveitar para diminuir. (Paulo)

Tem alunos que ficam revoltados, tem alunos sensíveis que tomam partido, ficam do lado do colega, tem alunos muito amigos, muito irmãos, a maioria não aceita, quando a gente expõe o caso, o problema, nós vemos que a maioria é solidária com aquele colega. (Francisca)

Segundo a percepção dos professores entrevistados, ao presenciarem casos de bullying, os alunos costumam demonstrar reações de natureza diversa. Aqueles que se solidarizam com a vítima e interferem na situação, aparentemente, são maioria. Contudo, há considerável probabilidade de haver reprodução do comportamento de bullying por um dado grupo de alunos que consideram a situação engraçada.

O professor Paulo afirmou que muitos alunos, ao se depararem com uma situação de bullying, desdenham do caso por considerarem de pouca relevância. Na mesma fala o docente atribui aos agressores e aos que compactuam com a prática do bullying a denominação de mau-caráter, com uma personalidade já determinada, e diz não enxergar possibilidade de mudança no comportamento dos agressores. No entanto, o comportamento agressivo, em muitos casos, é construído por um processo educativo embasado na violência, sendo um resultado do que o sujeito vivencia em seu círculo social. Segundo Martins e Almario (2012), o comportamento violento não é resultado de ação particular, ele provém de uma sociedade agressiva e de uma formação cidadã defasada por uma educação familiar e social marcadas pela falta de afeto e pela mera delegação de responsabilidades.

3.2.1.4 - Possível resolução da problemática

Como possível resolução da problemática, foram apontadas propostas diversas, dentre as quais o professor citou curso de auto aceitação, acompanhamento psicológico, investimento em Educação Emocional para os discentes; a professora Francisca sugeriu a formação continuada e elaboração de projetos efetivos no combate ao bullying;

Curso de auto aceitação para que a pessoa aprenda a aceitar todas as suas características, sejam elas quais forem. E acho que tem como fazer isso em questão de Psicologia e Educação Emocional. (Paulo)

Uma formação continuada e sempre em mídia sempre atividade, sempre palestra, e não tipo o bullying, vamos falar sobre o bullying, vamos fazer um projeto sobre o bullying, aí passa o ano inteiro falando sobre aquilo, virou o ano e o projeto morreu, foi esquecido, não adianta é um tipo de assunto que deve estar sempre em discussão, os professores leem um texto sobre aquilo, não só porque está no meu planejamento, deve estar presente em todas as ações, em pauta e não para apenas chamar atenção como uma propaganda, não deve deixar que seja esquecido. (Francisca)

No tocante à percepção dos docentes em torno de ações e cursos para auxiliar a escola no enfrentamento das situações de bullying, constata-se que a formação continuada e o trabalho integrado entre família e escola estão entre as principais necessidades da instituição de ensino, mostrando-se como ações indispensáveis para um trabalho efetivo na construção de um ambiente escolar mais seguro e receptivo para que a oportunidade de aprendizagem seja garantida a todos os alunos.

Gonçalves e Andrade (2015) entendem que os conselhos de turma e de escola, no modelo da pedagogia institucional⁴ desempenham um papel importante como estratégia eficaz no combate ao bullying, pois utilizam a fala, a reflexão e a tomada de consciência como elementos-chave. Essas dimensões são essenciais para promover a mudança de comportamento e prevenir a violência. Além disso, por meio desses fóruns de decisão, as crianças evoluem em seu desenvolvimento moral, construindo personalidades mais autônomas. As discussões promovidas nesses espaços possibilitam a tomada de consciência, a compreensão do respeito aos limites, a internalização de sentimentos de empatia e o desejo de mudança.

⁴ A Pedagogia Institucional pode ser definida como “uma pedagogia da crise, que não recua diante da violência, mas a inclui no campo educativo”. Destaca-se, nesse sentido, o valor da contribuição que a PI traz, com suas propostas técnicas apoiadas em um saber sociológico, psicológico e psicanalítico, para o campo da gestão participativa da violência na escola, por meio do envolvimento do alunado em atividades reguladas pelo respeito à coletividade e as leis, pela valorização da palavra como dispositivo para o estabelecimento de limites, o reconhecimento de funções e a mediação de conflitos. Dentre as técnicas desta pedagogia destacam-se os conselhos de classe e de escola. (ANDRADE, 2007)

3.2.2 – Alunos

3.2.2.1 - Definição de bullying

Em relação a como os alunos entendem o que é bullying, os cinco entrevistados relacionam o bullying como forma de atacar principalmente o psicológico, utilizando de preconceitos e comentários sobre aparência física fora do padrão, mas também citam a agressão física. O aluno José realça os danos psicológicos e preconceitos como bullying, mas apesar de saber que há problema nessas situações ele trata com insignificância, pois segundo ele, os amigos o chamam de negro mas ele não dá importância. O aluno João relata que, por muito tempo, foi vítima de bullying, e também que aconteciam agressões físicas na escola motivadas por motivos banais relacionados à aparência física. As alunas Maria, Joana e Ana enfatizam que o bullying é principalmente uma forma de preconceito relacionado à aparência física.

Bullying, pra mim, é uma coisa ruim que já aconteceu muito comigo na escola, aconteciam agressões físicas e verbal por motivos bestas como aparência física (João)

Pra mim é quando a pessoa não vai com a sua cara e xinga por sua cor peso altura, chama de baixinho, negro, baleia, isso pra mim não tem nada a ver, até porque meus amigos me chamam de negro e eu não considero bullying. (José)

É quando a pessoa faz coisas ruins com outra pessoa tipo gordofobia, sobre a aparência da pessoa, é sobre essas coisas, e a violência também, e psicológico. (Maria)

Bullying, pra mim, é você falar que a cor do outro não é bonita se a pessoa é gorda ou magra, sobre o que a pessoa veste, sobre o cabelo se é bonito ou não, pra mim é tudo aquilo que atinge, que ofende a outra pessoa. (Sol)

É um tipo de preconceito por você não se encaixar naquele padrão que a pessoa quer, porque os padrões de hoje é assim, se você é muito magra chamam de palito, se você gorda fala, pra você entrar no padrão é muito difícil é um tipo de preconceito de modo geral. (Ana)

Os alunos entrevistados concluem que bullying é uma forma de agressão ao seu par, que ataca principalmente o psicológico da vítima, que pode vir junto de preconceitos raciais, gordofóbicos, comentários a respeito da aparência do colega de forma maldosa, buscando ferir e menosprezar o outro, e que, por vezes, acontece com pessoas que mal se conhecem, assim como também agressões físicas.

3.2.2.2 - Envolvimento em situações de bullying

O bullying se manifesta na escola, e os alunos podem se tornar espectadores dessa forma de violência entre pares; dito isto, alguns alunos entrevistados relataram algumas situações presenciadas por eles, sobretudo agressões verbais com apelidos sobre aparência física, sexualidade, cor da pele, e também agressões físicas. As alunas Joana e Sol e o aluno José compartilharam que já presenciaram violência física na escola mais de uma vez, e essas agressões iniciaram com xingamentos à mãe do outro, por aparência e por relações amorosas. A aluna Ana relata que, em um dos casos, tentou intervir, mas quase se tornou vítima de agressão física.

Sim, uma pessoa começou a espancar a outra porque ela era gorda, e ao mesmo tempo ficava xingando ela. (Joana)

Já sim, briga, só assisti porque eram duas amigas minhas e elas estavam brigando por causa de menino, não fiquei confortável para intervir. (Sol)

Já sim, os moleques brigando, trocando socos por causa da namorada. Já vi amigos também, eles não se batiam bem quase todos os dias eles brigavam na escola, era frequente. (José)

Já sim, presenciei uma briga por motivos banais por causa de relacionamento, fiquei frustrada porque ele era meu amigo, ele chegou quase a me bater, então eu fiquei assustada, eu tentei intervir e quase fui agredida. (Ana)

Um dos personagens do bullying classificados por Melo (2010) é o espectador: o aluno que presencia o ato de bullying, porém não o sofre nem o pratica, e representa a grande maioria dos alunos que convive com o problema e adota a lei do silêncio por temer se transformar no novo alvo do agressor. Tendo isso em atenção, questionamos os alunos a respeito, e foi relatado casos de agressões verbais e físicas com motivações diferentes como xingamentos sobre aparência física, cor da pele, sexualidade, intolerância religiosa e relacionamentos amorosos. Entre os alunos apenas Ana relatou que tentou intervir, buscando ajudar, mas quase foi agredida, e se sentiu frustrada por isso.

3.2.2.3 - Cyberbullying

No que se refere ao cyberbullying, 4 alunos entrevistados não sabiam ou não tinham ouvido falar sobre o que era, os outros 2 alunos definiram o cyberbullying como ataques nas redes sociais.

“Sim, é quando a pessoa atinge outra por redes sociais. (Maria); Bullying nas redes sociais. (Ana)”

Acerca do cyberbullying, apenas dois, portanto, alunos identificaram o que era, devido a pesquisas que haviam feito a respeito do tema, e ver a respeito nas redes sociais e casos de famosos, mas o conhecimento adquirido por eles ainda era limitado, abrindo espaços para equívocos, confundindo com outras formas de violências nas redes.

O Cyberbullying é uma forma de violência praticada virtualmente por meios eletrônicos em espaços digitais. Olweus (2006, apud BALOGH, 2022, p. 139) acentua a ampliação dada pela internet, potencializando as agressões que são focadas em ridicularização e intimidação, nas quais geralmente o agressor não se identifica, pois provavelmente não teria coragem de realizar as agressões na presença dessa vítima. Foi possível notar que os alunos que entendiam o que é o cyberbullying tinham recebido essa informação através das mídias sociais. Entende-se que, na escola, quando discutido, se foca apenas no bullying tradicional.

3.2.2.4 - Possível influência de problemas em casa afetarem o comportamento em outros lugares

Sobre a possível influência dos problemas em casa afetarem a sua forma de ser em outros lugares, 3 dos entrevistados concluem que o que acontece em casa influencia na sua forma de se comportar fora de casa, de modo positivo e negativo; os outros 3 entrevistados entendem que não há influência, pois são lugares diferentes.

Não, na minha opinião depende da pessoa.(João)

Não, porque em casa é uma coisa, aqui eu fico mais livre. (Maria)

Sim, porque os nossos pais nos ensinam, pelo menos os meus, como ser feliz, como não deixar se abater porque todos nós temos dificuldades mas temos que estar com um sorriso no rosto porque muitas pessoas estão ficando deprimidas, e a gente não deve levar os problemas que temos em casa para os outros lugares.(Joana)

Não em casa não, acho que mais o que acontece na rua (José)

Com certeza, a forma que você é tratada em casa e a forma como você cresceu, a forma como você é criada vai influenciar em como você é na rua, por exemplo, se você não tem uma relação boa com sua família talvez você não vai ter uma boa relação com as outras pessoas. (Sol)

Sim, porque às vezes minha casa tá um transtorno ai eu chego perturbada na escola, muito irritada, acabo me estressando muito fácil, influencia muito no meu jeito.
(Ana)

As entrevistas revelaram que a maioria dos alunos acredita que os acontecimentos em casa influenciam no seu modo de agir em outros ambientes, tanto de forma positiva quanto negativa. A aluna Sol fala a respeito da educação familiar, ela acredita que as relações em casa e a educação influenciam nas relações sociais, e a aluna Ana menciona a irritabilidade, que, devido aos problemas em casa, seu humor fica alterado em locais externos. Mas foi relatado principalmente por 3 alunos que eles buscam separar os locais, para que não ocorra interferência nas relações sociais.

É com a família que, em boa parte, aprendemos a ser éticos, a respeitar cada ser em sua individualidade, onde conhecemos os limites para estarmos em sociedade. Quando essa família não propicia isso, pode gerar problemas e conflitos, além dos distúrbios de aprendizado. A contemporaneidade tem exigido muito dos pais, ao mesmo tempo que eles estão cada vez mais ausentes, deixando a educação, por vezes, inteiramente sob a responsabilidade de outras pessoas. Com as reconfigurações contemporâneas no contexto familiar, diversificando os modos de ser das famílias, surgem reflexos que podem envolver o contexto escolar, eventualmente implicados em conflitos.

3.2.2.5 - Vítimas de bullying

As entrevistas mostram que os alunos foram vítimas de bullying, principalmente relacionado à aparência física, mas também citam situações de racismo, gordofobia e intolerância religiosa.

Já fui vítima, pessoas que não tinham intimidade comigo me xingavam de negro, já sofri racismo, ate ja fui chamado de macaco em outra escola, a equipe da escola não vi que também eu não falei com eles sobre isso, eu baixei a cabeça e deixei pra lá.
(José)

Comigo, com certeza, quando eu era pequena, tinha umas meninas que falavam que meu cabelo era feio, que era de bruxa, elas me empurravam no chão, não falei pra ninguém disso, eu não revidava. (Sol)

O aluno José relatou que sofreu racismo na escola, foi chamado de macaco por um colega, mas ele não expôs a situação para a equipe escolar, afirmando ter ficado triste com o ocorrido.

Segundo Balogh (2022), a noção de que o bullying ocorre apenas com alunos que possuem características distintas dos demais é equivocada. No passado, esse comportamento poderia estar associado a tais diferenças, mas nos dias de hoje, as escolhas dos agressores não se restringem mais apenas às pessoas que se enquadram no perfil tradicional de vítima. Qualquer estudante pode se tornar alvo desse tipo de violência.

3.2.2.6 - Medidas tomadas pela escola sobre o bullying

Como medidas preventivas, são citadas pelos alunos distribuições de panfletos, e afirmam que ocasionalmente acontecem palestras e redações no âmbito das disciplinas (história e português). Relataram que os diálogos realizados pela equipe escolar sobre o fenômeno bullying se resumem apenas a falar sobre o que é o bullying, como acontece, etc.

Já sim, foi uma distribuição de panfletos e a gente explicava para eles o que era bullying para eles não praticarem, pois dói no outro, buscando evitar o bullying (Joana)

Já fiz um seminário sobre isso. (José)

Sim, realizaram palestras, redações, na outra escola. (Ana)

Quanto às medidas adotadas pela escola em situações de ocorrência de bullying, apenas 3 dos entrevistados falaram que a escola toma medidas para tratar delas, enquanto os outros 3 alunos concluem que não agem de forma eficaz. O aluno José e a aluna Sol relatam que o bullying tem sido normalizado, por isso que acontecem os casos; a aluna Ana relata que só intervém quando é agressão física; a aluna Maria sente falta de mais ação de conscientização na escola sobre o fenômeno.

No caso eles não agem, só conversa deveria ter algum castigo para isso na escola (João)

Não, acredito que deveria ensinar aos alunos, ter palestras sobre o assunto por que só sabe falar sobre atividades, eles não chegam para falar sobre bullying sobre como se defender (Maria)

Acho que sim, se você for na coordenação e falar o que ta acontecendo eles ajudam. (Joana)

Sim, eles tentam intervir, mas aqui no brasil isso parece até uma coisa normal. (José)

Não, podem até tentar, mas os alunos não aprendem, pra eles é normal já. (Sol)

Não, porque muitas vezes na escola algum apelido que os colegas dão dizem que é uma brincadeira que não tem nada haver, por hoje passa, eles só intervêm se for agressão física, e pra mim nao é normal chegar no aluno e falar “ tu ta gorda, emagrece”, “ tu tá magra, come”, ‘teu cabelo é feio, alisa ele” eu acho que se a escola intervisse também nisso teriam menos pessoas depressivas e ansiosas na escola. (Ana)

No que diz respeito às medidas tomadas pela escola em situações de bullying, o aluno João acredita que deveria ter uma penalidade maior, pois a equipe escolar só conversa. A aluna Ana diz que só intervêm quando ocorre agressão física. A aluna Sol e o aluno José acentuam a normalidade que é dada às agressões. 2 alunos concordam que a escola toma as medidas necessárias quando os casos chegam à gestão escolar. A aluna Maria pensa que mais palestras sobre o assunto poderiam reduzir os casos, principalmente ensinar a se defender nessas situações. Por vezes, quando acontecem situações de bullying a equipe escolar não sabe como resolver o problema, podendo até ignorá-las, tomam medidas baseadas no senso comum ou transferindo o problema para terceiros. De acordo com Gonçalves e Andrade (2015, p. 23):

Comumente, o professor transfere o problema para terceiros (orientadores, coordenadores e diretores), esquecendo-se que a ética é um conteúdo da escola também e, por conseguinte, sua responsabilidade. A sala de aula, com isto, torna-se apenas um espaço para conteúdos e não para convivência. E esta aprendizagem (da convivência), que deveria ocorrer sob o olhar de especialistas, os educadores, para se chegar a construção da ética, não acontece como e onde deveria. se esses meninos pudessem aprender a conviver dentro da sala de aula, ao certo levariam esta aprendizagem para fora dela.

A terceirização de situações de bullying por parte da equipe escolar não é uma abordagem eficaz para lidar com esse problema. A escola tem a responsabilidade de proporcionar um ambiente seguro e saudável para todos os alunos, e isso inclui abordar ativamente o bullying.

3.2.2.7 - Formas de prevenção e enfrentamento do bullying

Perguntamos aos alunos sobre o que eles pensam que seria uma atitude ideal para ser tomada a respeito dos casos de bullying, buscando acabar com essa forma de violência. A aluna Joana acredita que é fundamental que, na educação familiar, também se trate do

assunto, para que se respeite os colegas independentemente das diferenças. Assim, entende-se, os estudantes não se envolveriam em situações de bullying. Também são citadas a necessidade de mais palestras a respeito do tema, conforme o aluno José. É uma pessoa disponível para auxiliar à vítima de bullying, como mencionado pela aluna Sol. É apontado pela aluna Ana que a junção do diálogo no ambiente escolar e no ambiente familiar com esses jovens pode ser uma forma possivelmente eficaz de resolução do bullying.

Eu acho que não só da pessoa, que isso também vem de casa, que os pais deveriam conversar, mas não são os grandes culpados, mas se a pessoa tem essa educação em casa, de respeitar a cor do outro, que ninguém é perfeito, não vai atacar as outras pessoas, então tem que começar de casa, falando que ele não deve fazer bullying com os colegas, e a gente tem que ter a consciência que isso é feio, que dói no outro, pois imagina se fosse com a gente, se vc tivesse no lugar dessa pessoa, e eu acho que quem faz bullying já passou por isso então essas pessoas que já passaram que sentiram essa dor não deveria fazer isso com outro. (Joana)

Eu creio que mais palestras iam incentivar as pessoas a pensar mais a respeito. (José)

Deve estar sempre pegando no pé sobre isso, e ter sempre uma pessoa disponível para conversar com essa pessoa que foi atacada. (Sol)

Diálogo entre professores e alunos, diálogo entre os pais para se sentirem mais confiantes que mostrem aos agressores que isso é errado, acho que se tivesse mais conversa, que se tratasse com mais seriedade esse assunto seria melhor para a nossa sociedade. (Ana)

As formas de prevenção e enfrentamento do bullying que são consideradas eficazes pelos alunos são: 1) palestras frequentes na escola. 2) diálogo constante sobre o bullying na escola e em casa. 3) auxílio de uma pessoa disponível para resolver esses conflitos na escola.

3.2.3 – Gestão

3.2.3.1 - Possíveis fatores para a ocorrência de bullying

No que diz respeito aos possíveis fatores pela ocorrência de bullying, a gestora cita como possíveis motivos a falta de educação e conscientização, a cultura e que é necessário ensinar a auto aceitação.

“Acho que a falta de educação, falta de conscientização, porque se o aluno aprender desde cedo a se aceitar, ele não vai passar por situações assim, e também não será o praticante do bullying. Mas creio que se trata da cultura. (Alice)”

A gestora relata que há a presença de alunos agressivos, e acentua que há a suspeita de uso de substâncias entorpecentes por parte de alguns desses alunos, visto que esses alunos são agressivos não apenas com os colegas, mas também com a equipe escolar: “Temos alguns alunos que são bem agressivos, que suspeitamos do uso de substâncias entorpecentes, onde são agressivos com os colegas e a equipe. Então a gente vem tentando tratar isso com eles e com a família. (Alice)”

A falta de educação, negligência, a inversão de valores e possível uso de substâncias entorpecentes são os principais motivos de ocorrência de bullying, conforme a gestora. Ela pontua a necessidade do empoderamento, da auto aceitação dos alunos e que a escola tem a possibilidade de ajudar nessas questões. Quanto aos alunos agressivos, e considerando também o uso de substâncias entorpecentes, ela relata que busca trabalhar essas questões junto à família.

3.2.3.2 - Definição de bullying pela equipe escolar

Em relação a como a equipe escolar define o que é bullying e o que não é, a gestora julga que a falta de respeito com o outro, piadinhas de mal gosto que atingem o outro são consideradas como forma de bullying.

Bullying é quando você magoa o outro, é quando você desrespeita. A partir do momento que você faz um comentário que atinge o outro já passa a ser bullying, e quando você comenta algo sobre a aparência do outro, você expõe uma opinião sua sobre uma coisa que não vai agradar o outro, então é melhor que guarde sua opinião para si. (Alice)

Quanto ao uso da justificação de bullying como brincadeira inofensiva, é notório que existe uma dificuldade, por parte dos alunos, de distinguir o que é brincadeira inofensiva para o bullying, e que é importante trabalhar isso como forma de combate, como acentua a gestora: “Não distinguem o bullying de uma simples brincadeira, por isso é importante tratar o bullying”

A gestora escolar compreende como bullying principalmente as piadinhas de mau gosto e a falta de respeito, que buscam atingir o outro de forma negativa. A gestora entende que o ato de magoar o outro de forma premeditada é considerado bullying, que deve se ter cuidado com o outro, com as opiniões que expõe sobre a aparência do outro, etc.

De acordo com a gestora, os alunos têm dificuldade de distinguir a diferença entre brincadeira inofensiva e bullying, então compreende ser necessário tratar esse assunto com cuidado com os alunos, buscando ensiná-los a distinção e conscientizá-los dos problemas acarretados com o bullying.

3.2.3.3 - Bullying além da sala de aula

O bullying é um fenômeno que não se limita às paredes de uma sala de aula, a gestora citou ocasiões em que presenciou situações de bullying nos corredores e pátio, como brincadeiras de mau gosto, empurrões, que, maioria dos casos, não chegam ao conhecimento da direção, mas que quando sabem dos fatos ocorridos buscam agir de imediato, com conversas.

Não tem muitos casos que chegam à direção, mas sempre tem comentários de brincadeiras de mal gosto, e apelidos, então como eu estou sempre no meio deles, eu assim que percebo isso já repreendo, falo que é errado, chamo para conversar, explicou que é bullying e ele vai e se desculpa. (Alice)

De acordo com Dassoglio (2017) o bullying ocorre em diferentes contextos, não se limitando apenas à sala de aula. Muitas vezes, as vítimas se encontram desprotegidas quando estão fora do alcance dos professores e supervisores durante os intervalos ou atividades recreativas. Nesses momentos, os agressores se aproveitam da falta de supervisão de adultos para praticar, agir e atacar. Para evitar que esses atos ocorram entre os colegas, é fundamental que os alunos tenham a presença de um adulto responsável para supervisioná-los quando não estiverem na sala de aula. A supervisão e o cuidado podem ajudar a reduzir gradualmente o bullying. No entanto, é importante ressaltar que a supervisão não deve substituir o diálogo constante sobre a convivência social.

3.2.3.4 - Prevenção e combate do bullying

No que diz respeito ao combate e à prevenção de bullying na escola, a gestora relata que, antes da chegada dela na escola ocorreu, um PIP (Projeto de Intervenção Pedagógica). Esse PIP era direcionado à aceitação da diversidade, que tratava questões de bullying, do

respeito e das diferenças, que, após a chegada dela, na escola até o momento não havia ocorrido nada a respeito.

“Antes de eu vir para essa escola teve um Projeto de Intervenção Pedagógica que era voltado para a diversidade, onde tratava questões sobre o bullying, do respeito e da diferença. (Alice)”

A Lei 13.663/2018, popularmente conhecida como Lei Antibullying, estabelece a obrigatoriedade de programar ações que fomentem a cultura da paz. Apesar de ter uma lei específica para tratar dessas questões de forma obrigatória nas escolas, entende-se, a partir da fala da gestora, que o fenômeno não é tão trabalhado na escola como deveria.

3.2.3.5 - Gênero mais envolvido

A respeito do gênero mais envolvido, quando indagada, a gestora cita as meninas como mais ligadas a situações de bullying, por darem mais importância às aparências.

Meninas. Creio que as meninas por ligarem mais com aparência, com cabelo, roupa e corpo, padrão que a sociedade impor, a menina não pode ser magra demais nem gorda, o cabelo tem que estar sempre arrumado, liso, então se a menina tem o cabelo crespo, ela tem que alisar para entrar no padrão então eu posso afirmar que acontece mais com as meninas. (Alice)

O bullying não é exclusivo de um gênero específico. No entanto, é verdade que o bullying pode afetar meninas e meninos de maneiras diferentes. É importante lembrar que cada situação de bullying é única e complexa. O combate ao bullying requer esforços de conscientização, educação e criação de um ambiente seguro e respeitoso para todos, independentemente do gênero.

3.2.3.6 - Auxílio para enfrentamento do bullying

Foi perguntado à gestora o que ela julga como apoio necessário para saber como lidar com as situações de bullying na escola. Citou a formação continuada como necessária, pois, até o momento, enfatizou, a única coisa que é possível é o diálogo, e que isso não é totalmente eficaz, e a formação em Pedagogia não mostra uma forma de agir nesses momentos.

Eu acredito que deveria ter mais formação, disponibilidade de cursos que auxiliem a tratar dessa questão, a gente só sabe até então de chamar pra conversar, tratar com a família, mas uma intervenção além disso não sabemos, então para o gestor uma formação além sobre esses temas seria muito válida, para nos capacitarmos e saber como intervir, não só dialogar e dialogar e ter uma forma de agir realmente que até então não sabemos muito bem, eu cursei pedagogia na UFPB, mas na formação não temos essa formação a respeito dessas questões. (Alice)

É fundamental que os professores e gestores recebam o apoio necessário para saber como lidar com as situações de bullying na escola. Isso pode ser alcançado por meio de treinamentos e capacitações específicas, que abordem estratégias eficazes de prevenção, intervenção e suporte às vítimas e agressores. Além disso, é importante que haja uma comunicação aberta e constante entre a equipe escolar, os alunos e seus pais ou responsáveis, a fim de identificar prontamente os casos de bullying e implementar medidas apropriadas. Parcerias com profissionais da área da saúde mental e assistência social também podem ser benéficas para oferecer um suporte mais abrangente aos envolvidos. Posto isto, Pereira (2022) destaca que “a escassez de investimentos e de políticas públicas para prevenção da violência escolar vem acarretando uma sensação de impotência, insegurança e desânimo por parte do corpo docente e gestor face a esse cenário.”

3.3 – Inferências analíticas dos resultados

Os entrevistados que fizeram parte da pesquisa estão informados a respeito do conceito de bullying, mas ainda é um conhecimento limitado, algumas vezes confundem com outras formas de agressão. Por vezes, a equipe escolar só intervém quando há agressão física. Alguns alunos acreditam que, mesmo sabendo dos danos causados ao longo da vida, o bullying se tornou natural, difundindo-se a ideia que não há mais o que fazer. Nas escolas, destaca-se o bullying verbal, relacionado à aparência física, cor da pele, peso e sexualidade. Ao longo das entrevistas, são mencionadas as relações com a educação familiar, no sentido de educar para respeitar o outro, e assim a escola poderia trabalhar de forma eficaz.

Foi possível observar alguns pontos sobre o bullying a partir das análises das entrevistas e os estudos bibliográficos que podem ser considerados.

O bullying envolve uma dinâmica de poder desequilibrada, em que um indivíduo ou grupo exerce controle e dominação sobre outro. Analisar as relações de poder é crucial para

entender as motivações por trás do bullying e para promover estratégias eficazes de intervenção.

É importante considerar os fatores individuais que podem marcar tanto os agressores quanto às vítimas de bullying. Por exemplo, características como baixa autoestima, dificuldade de empatia, problemas de comportamento e habilidades sociais inadequadas podem aumentar a probabilidade de alguém se envolver em comportamentos de bullying. Compreender esses fatores individuais é essencial para a implementação de programas de intervenção personalizados.

O bullying é influenciado pelo contexto social e cultural em que ocorre. Normas sociais, valores culturais e estereótipos podem contribuir para a aceitação ou até mesmo a promoção do bullying. Analisar o ambiente social em que o bullying ocorre é fundamental para identificar as influências e implementar estratégias de prevenção que levem em consideração as especificidades de cada contexto.

É crucial examinar as consequências que o bullying pode ter na saúde mental e emocional das vítimas. A análise dos impactos psicológicos, como ansiedade, depressão, baixa autoestima e possíveis traumas, desempenha um papel fundamental na elaboração de intervenções apropriadas e no fornecimento do suporte necessário às vítimas.

Os espectadores, ou seja, aqueles que observam o bullying acontecendo, desempenham um papel chave na dinâmica do bullying. Analisar a influência dos espectadores é importante para promover a responsabilização e incentivar ações de apoio às vítimas, como a denúncia do bullying e a busca de ajuda.

A análise do bullying também envolve a busca por estratégias preventivas e educativas. Isso inclui a promoção de uma cultura de respeito e tolerância, o ensino de habilidades sociais e emocionais, a conscientização sobre os efeitos negativos do bullying e a implementação de políticas e práticas escolares que abordam efetivamente o problema.

Ao analisar o bullying de forma abrangente, considerando os diferentes aspectos envolvidos, é possível desenvolver abordagens mais eficazes para prevenção e intervenção. Essa análise crítica contribui para a compreensão mais profunda do fenômeno e para a implementação de medidas que promovam um ambiente mais seguro e acolhedor para todos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Objetivou-se, neste trabalho, apresentar um quadro da ocorrência de bullying na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Umbelina Garcez, uma escola pública da cidade de Mamanguape-PB. Desse modo, foram considerados estudos bibliográficos sobre violência escolar e bullying, e também os depoimentos de alunos, professores e gestor da escola, através de entrevistas semi-estruturadas, e analisadas por meio da Análise Temática. Foram abordados os tipos e situações de bullying, a frequência de relatos, gêneros mais envolvidos, reação dos alunos quando expostos a situações de bullying, cyberbullying, alunos agressivos e a percepção dos professores em relação a cursos e formações que contribuam no enfrentamento do bullying em ambiente escolar.

O bullying é um fenômeno complexo e preocupante que afeta milhões de pessoas em todo o mundo. Ao longo deste trabalho, buscamos compreender suas causas, consequências e possíveis estratégias de prevenção e intervenção.

Esse fenômeno persiste e se fortalece, mesmo diante das preocupações dos educadores, aproveitando-se da falta de atenção consciente por parte dos responsáveis. Essa forma de violência continua a causar danos imediatos e duradouros para todos os envolvidos, e os efeitos prejudiciais desse fenômeno tornam-se cada vez mais visíveis na sociedade.

A análise das pesquisas e estudos sobre o bullying revelou que se trata de um problema multifacetado, que envolve relações de poder desequilibradas, comportamentos agressivos e repetitivos, e que tem impactos profundos para a saúde física e mental das vítimas. Além disso, percebemos que o bullying não se restringe apenas ao ambiente escolar, mas também pode ocorrer em outros contextos, como a internet.

Os alunos possuem algumas informações sobre o bullying, mas têm compreensões equivocadas sobre o fenômeno.

A intervenção da equipe escolar geralmente se restringe a casos de agressões físicas, não havendo uma abordagem abrangente para lidar com a situação. As medidas adotadas incluem conversas com o agressor, suspensões temporárias das aulas e solicitação da presença dos pais na escola. A falta de conhecimento sobre estratégias eficazes para lidar com o bullying fica evidente pela ausência de projetos para focar esse problema, de um ponto de vista global, que não se limite, portanto, a iniciativas reativas pontuais.

Foi possível identificar na fala dos entrevistados que fatores individuais, como baixa autoestima, dificuldades de relacionamento e problemas de comportamento, podem contribuir para o envolvimento de indivíduos tanto como agressores quanto como vítimas de bullying. Além disso, fatores socioambientais, como normas sociais, valores culturais e a falta de intervenção adequada, também desempenham um papel significativo na perpetuação desse problema.

Constatou-se que os casos de bullying afetam com maior frequência grupos minoritários, como negros, homossexuais, obesos e crianças e adolescentes com traços comportamentais de timidez. Nos relatos dos professores entrevistados, foram mencionados diversos termos pejorativos utilizados pelos agressores durante os atos de bullying, tais como "cabeção", "viadinho", "baleia", "matuto", "bolota" e "negrinho". Diante disso, é importante refletir se o vocabulário discriminatório e cruel utilizado por crianças e adolescentes no Ensino Fundamental e Médio pode ser considerado um reflexo dos níveis de racismo, homofobia, gordofobia e xenofobia presentes no país.

Diante desse cenário, fica evidente a necessidade de uma abordagem integrada e multidisciplinar para lidar com o bullying, que envolva a participação de diferentes profissionais e áreas de conhecimento para enfrentar o problema de forma abrangente. Em vez de abordar o bullying de maneira isolada, essa abordagem deve reconhecer que a prevenção e a intervenção eficazes requerem uma perspectiva holística. A intervenção é crucial para apoiar as vítimas, responsabilizar os agressores e criar um ambiente seguro e acolhedor para todos/as.

No entanto, é importante reconhecer que não existe uma solução única para o bullying. Cada contexto e cada indivíduo requerem abordagens personalizadas e estratégias adaptadas. É necessário o envolvimento de toda a comunidade, incluindo educadores, pais, gestores, profissionais de saúde e autoridades em geral.

Na fala da gestora da escola sobre auxílio para o enfrentamento do bullying, foi citada uma lacuna na formação dos pedagogos, onde as graduações apresentam deficiências no que diz respeito ao desenvolvimento socioemocional, que o professor não sabe como lidar de forma eficaz com esses acontecimentos. A ausência desse conhecimento é claramente perceptível na falta de intervenções pertinentes no combate à violência nas escolas, como a escassez de projetos a respeito.

A investigação do fenômeno bullying tem se apresentado como um desafio para pesquisadores e estudiosos da área. Nesse contexto, foi estabelecido uma espécie de padrão de educador ideal, cuja característica principal é o afeto geral em relação à sua turma, e qualquer professor que traga à tona as problemáticas existentes em seu ambiente educacional, tende a ser visto como “destoante”. Como resultado, é comum que os professores minimizem e ignorem comportamentos de bullying que possam ocorrer em suas salas de aula, além de rejeitarem possíveis pesquisas que tenham sua turma como objeto de estudo.

Durante as pesquisas do PIBIC, em algumas escolas do Vale do Mamanguape, ocorreram situações em que o gestor da escola selecionada não queria participar da pesquisa, tendo até mesmo dificultando o nosso contato com os professores, assim como também houve professores que não quiseram participar da pesquisa. Algumas vezes, pediam para ver as perguntas antes, e depois desistiram de participar. Por algum motivo, que não sabemos qual, mas talvez por se sentirem inseguros de falar sobre o tema bullying, por falta de informação ou para não expor a situação da escola.

Compete à escola desempenhar um papel intencional e competente na formação da autonomia moral de seus alunos, incentivando a reflexão e o aprendizado de normas e valores que vão além dos limites físicos da instituição. Medidas como a implementação de conselhos de classe e de escola desempenham um papel importante nesse processo, fornecendo oportunidades para o diálogo e a escuta ativa, permitindo a avaliação tanto do aprendizado quanto da convivência, com o objetivo de resolver conflitos e estabelecer regras. Os conselhos trazem à tona os problemas ocorridos e capacitam todos os envolvidos, direta ou indiretamente, a assumirem responsabilidades uns pelos outros em um contexto de cooperação, valorizando o respeito mútuo, um aspecto fundamental na superação do bullying nas escolas (GONÇALVES; ANDRADE, 2015).

Nesse sentido, Pereira (2022) destaca a mediação de conflitos como uma alternativa para a prevenção e combate ao bullying e à violência no ambiente escolar, lançando mão de estratégias que envolvem, por exemplo, as relações de sociabilidade, a persuasão, a busca de pacificação, etc. Isso requer tanto ações da gestão escolar em si como no cotidiano da sala de aula. Os professores, por estarem em contato mais próximo com os alunos e desempenharem o papel de intérpretes e porta-vozes imediatos da escola, podem promover uma concepção de resolução de conflitos baseada na persuasão direta e na promoção de uma ideia de justiça que contribua para o desenvolvimento da cidadania estudantil.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, F. **Ser uma Lição Permanente:** Psicodinâmica da competência inter-relacional do(a) educador(a) na gestão de conflitos e na prevenção da violência na escola. 2007. 222 f. Tese (Doutorado em Educação) Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa, PB, 2007.
- ANTUNES, D.; ZUIN A. **Do bullying ao preconceito:** os desafios da barbárie à educação. *Psicologia & Sociedade*. Porto Alegre, v. 20, n.1, jan./abr. 2008, p. 33-41.
- BALOGH, Iêda Rodrigues da Silva. **Situações de bullying e cyberbullying protagonizando tragédias suicidas dentro e fora da escola.** *Revista Espaço Acadêmico* - n. 234 - mai./jun. 22 - bimestral.
- BRASIL, **Lei nº 13.663/2018.** Altera o Art. 12 da Lei de Diretrizes e Bases da Educação. Brasília: MEC, 2018
- CHARLOT, Bernard. **A violência na escola:** como os sociólogos franceses abordam essa questão. Porto Alegre. *Sociologias*, ano 4, nº 8, jul/dez 2002, p. 432-443.
- DASSOGLIO, Tauana Marcondes. **As consequências do bullying no processo de ensino aprendizagem.** UNICENTRO, 2017. Disponível em: https://sguweb.unicentro.br/app/webroot/arquivos/atsubmissao/VERS_O_final_TCC.pdf Acesso em 23 mai 2023.
- FANTE, Cleo. **Fenômeno Bullying:** como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz. São Paulo: Verus, 2005.
- GONÇALVES, Catarina Carneiro. ANDRADE, Fernando César Bezerra de. **Violências e Bullying na Escola:** Análise e prevenção. Curitiba, PR: CRV, 2015.
- LOPES NETO, Aramis A. **Bullying: Comportamento agressivo entre estudantes.** In: J. *Pediatr.* Rio de Janeiro, vol.81, no 5, 2005.
- LEME, M. **O diretor escolar e a gestão do conflito na Escola.** In: TOGNETTA, L. VINHA, T. (orgs). *Conflitos na Instituição Educativa: Perigo ou oportunidade.* Campinas: Mercado de Letras, 2011.
- MARTINS, N. V., & ALMARIO, A. (2012). **Bullying: uma perspectiva sobre o agressor.** *Revista da Universidade Ibirapuera*, 4, 17-21
- MATOS, Margarida Gaspar de; GONÇALVES, Sónia M. Pedroso. **Bullying nas escolas:** Comportamentos e percepções. *Psicologia, Saúde & Doenças*, 10 (1), p.3-15, 2009. Disponível em: <<http://www.scielo.mec.pt/pdf/psd/v10n1/v10n1a01.pdf>>. Acesso em: 20 mai. 2023.
- MELO, Josevaldo A. **Bullying na escola.** Recife: Editora da Universidade de Pernambuco, 2010.
- MIRANDA, R. **O bullying a partir de representações sociais de estudantes e da análise de produções científicas.** 2011. 126f. Dissertação (Mestrado em Psicologia). Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2011.

PEREIRA, Ana Carolina Reis Pereira. **A mediação de conflitos como alternativa para a prevenção e enfrentamento do bullying e da violência no contexto escolar.** Revista Espaço Acadêmico - n. 234 - mai./jun. 2022 - bimestral.

ROSENDO, Ana Paula. **A reprodução:** Elementos para uma Teoria do Sistema de Ensino. Resenções Lusofia. Covilhã, 2009.

SOUZA, Luciana Karine de. **Pesquisa com análise qualitativa de dados:** conhecendo a Análise Temática. Arq. bras. psicol. vol.71 no.2 Rio de Janeiro maio/ago. 2019

TOGNETTA, L.; ROSÁRIO, P. **Bullying como um problema moral:** representações de si e desengajamentos morais de adolescentes envolvidos em situações de violência entre pares. Est. Aval. Educ., São Paulo, v. 24, n. 56, p. 106-137, set./dez. 2013

APÊNDICES

Roteiro de entrevistas com professores

Entrevista realizada em:

Local:

Entrevistado:

Ano:

1. Como o senhor(a) analisa os problemas envolvendo bullying relatados pela imprensa?
2. Na sua opinião, quais são os fatores que contribuem para a ocorrência de tantos casos de bullying?
3. Na sua perspectiva, problemáticas relacionadas ao bullying envolvem mais meninos ou meninas?
4. Com que frequência os alunos relatam pessoalmente terem sido vítimas de bullying?
5. Quais tipos de bullying são mais frequentemente relatados em relação aos meninos? E em relação às meninas?
6. O(a) senhor(a) costuma perceber mudanças comportamentais nas vítimas de bullying? E no agressor?
7. Como os demais alunos reagem em situações envolvendo bullying entre colegas?
8. O(a) senhor(a) já foi vítima de bullying? Quais medidas foram tomadas?
9. Em sua opinião, o que deveria ser feito em termos de cursos e formação para auxiliar as escolas a lidarem com o bullying?

Roteiro de entrevistas com estudantes

Entrevista realizada em:

Local:

Entrevistado:

Ano:

1. Fale um pouco sobre como é a sua rotina na escola e da sua relação com os outros estudantes.
2. Você já teve desentendimentos na escola? Se sim, como foi?
3. Você acha que as coisas que acontecem na sua casa influenciam no seu jeito de ser ou no que acontecem com você em outros lugares? Se sim, de que forma?
4. Você já presenciou algum tipo de violência na escola (física ou verbal)? Se sim, conte como foi?
5. Na sua opinião, o que é bullying?
6. Seus pais ou professores já conversaram com você sobre bullying? Você já viu alguma situação de bullying na mídia ou nas redes sociais?
7. Você já viu algum colega sendo vítima de bullying? Se sim, em sua opinião, por qual motivo acredita que essa pessoa estava sendo agredida, e qual foi a sua reação?
8. Você já se envolveu em alguma situação que acredita ser bullying? Se sim, qual(ais)?
9. Você sabe o que é cyberbullying?
10. Você já foi importunado pela internet/nas redes sociais por algum colega?
11. Seus amigos colocam algum apelido em você que você não gosta? Se sim, como se sente? Qual sua reação?
12. Você já agrediu alguém verbal ou fisicamente? Se sim, como foi?
13. Para você, a escola trata o bullying com as medidas que são necessárias?
14. Seus professores realizam diálogos sobre o bullying?
15. Você já participou de alguma atividade promovida pela escola tratando do bullying?
16. O que você acha que deve ser feito para prevenir e enfrentar situações de violência entre estudantes?

Roteiro de entrevistas com gestor

Entrevista realizada em:

Local:

Entrevistado:

Ano:

1. Na sua opinião, quais os fatores que contribuem para a ocorrência de tantos casos de bullying?
2. Segundo sua perspectiva, problemáticas relacionadas ao bullying envolvem mais meninos ou meninas?
3. Como a equipe escolar define o que é bullying e o que não é?
4. Como essa questão do bullying tem repercutido com os estudantes desta escola?
5. Há frequência na ocorrência de bullying nos ambientes de convivência geral (pátios, cantinas, banheiros, etc.)? Qual é a frequência?
6. Os docentes relatam casos de bullying em sala de aula? Com qual frequência?
7. Quais as medidas adotadas pela escola para conscientizar a comunidade escolar e prevenir a prática do bullying? E como procede quando ocorre?
8. A escola tem conhecimento de alunos com constante comportamento agressivo?
9. Há informações de bullying praticado contra pessoas com deficiência?
10. As secretarias desenvolvem ações ou programas para assessorar gestores? Quais?
11. O que acha que deveria ser feito em termo de curso, ação ou formação para lidar com o bullying?